

Tomando Decisões Bíblica

Lição 1

Ética nas Escrituras



thirdmill

Biblical Education. For the World. For Free.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa publicação pode ser reproduzida sob qualquer forma, ou para fins lucrativos, exceto em breves citações para os propósitos de revisão e comentários, sem a permissão da editora Third Millennium Ministries, Inc. 316 Live Oaks Blvd., Casselberry, Florida 32707.

A menos que indicado de outra forma, todas as citações das Escrituras são da Bíblia Sagrada, Standard Version® (ESV®), copyright © 2001 por Crossway um ministério de publicação da Good News Publishers. Usado com permissão. Todos os direitos reservados.

SOBRE O THIRD MILLENNIUM MINISTRIES

Fundado em 1997, Third Millennium Ministries é uma organização cristã sem fins lucrativos dedicada a proveer:

Educação Bíblica, Grátis, Para o Mundo

Nosso objetivo é oferecer educação cristã gratuita a centenas de milhares de pastores e líderes cristãos em todo o mundo que não possuem treinamento suficiente para o ministério. Atingimos esse objetivo produzindo e distribuindo globalmente um currículo de seminário multimídia sem paralelo em inglês, árabe, mandarim, russo e espanhol. Nosso currículo também está sendo traduzido para mais de uma dúzia de outros idiomas por meio de nossos ministérios parceiros. O currículo consiste em vídeos com gráficos, instruções impressas e recursos da Internet. Ele foi projetado para ser usado por escolas, grupos e indivíduos, tanto online quanto em comunidades de aprendizagem.

Ao longo dos anos, desenvolvemos um método altamente econômico de produzir lições de multimídia premiadas com o melhor conteúdo e qualidade. Nossos escritores e editores são educadores teologicamente treinados, nossos tradutores são falantes nativos teologicamente de seus idiomas-alvo e nossas lições contêm as idéias de centenas de respeitados professores e pastores de todo o mundo. Além disso, nossos designers gráficos, ilustradores e produtores aderem aos mais altos padrões de produção usando equipamentos e técnicas de ponta.

Para cumprir nossas metas de distribuição, a Thirdmill estabeleceu parcerias estratégicas com igrejas, seminários, escolas bíblicas, missionários, emissoras cristãs e provedores de televisão por satélite e outras organizações. Essas relações já resultaram na distribuição de inúmeras vídeo-aulas para líderes indígenas, pastores e estudantes do seminário. Nossos sites também servem como vias de distribuição e fornecem materiais adicionais para complementar nossas lições, incluindo materiais sobre como iniciar sua própria comunidade de aprendizado.

Thirdmill é reconhecido pelo IRS como uma corporação 501 (c) (3). Dependemos das contribuições generosas e dedutíveis de impostos de igrejas, fundações, empresas e indivíduos. Para mais informações sobre o nosso ministério e para saber como você pode se envolver, visite www.thirdmill.org.

Conteúdo

I. Introdução	1
II. Definição	1
A. Deus e Bênçãos	2
1. Natureza Divina	2
2. Ações Divinas	3
B. Amplitude dos Problemas	3
C. Profundidade dos Problemas	4
III. Três Critérios	6
A. Motivo Adequado	7
1. Fé	7
2. Amor	8
B. Padrão Adequado	9
1. Mandamentos	10
2. Toda Escritura	11
3. Revelação Geral	12
C. Meta Adequada	12
IV. Três Critérios	13
A. Tendências	14
B. Perspectivas	14
1. Situacional	15
2. Normativo	16
3. Existencial	17
C. Interdependência	19
V. Conclusão	20

Tomando Decisões Bíblicas

Lição 1

Ética nas Escrituras

INTRODUÇÃO

Eu acho que todo cristão concordaria que a ética está em crise em nossos dias, não apenas no mundo lá fora entre os incrédulos, mas também na igreja. Os incrédulos vão em um milhão de direções tentando descobrir a diferença entre certo e errado. Até mesmo cristãos bem-intencionados estão por todo o mapa quando se trata de uma vida ética e moral. Eu conheci alguns cristãos que parecem ter muito poucas convicções morais, e eu conheci outros cristãos que parecem ter respostas simples para todas as questões éticas.

Eu acho que quanto mais velho eu fico, mais eu estou convencido de que uma das nossas maiores necessidades hoje é uma maneira de entender como as Escrituras se aplicam às nossas vidas, como devemos pensar, agir e sentir — uma maneira de tomar decisões bíblicas.

Esta série sobre como tomar decisões bíblicas é a primeira em nosso curso sobre ética cristã. Nesta série, vamos nos concentrar no processo que a Bíblia nos ensina a seguir, enquanto tomamos decisões sobre todos os tipos de coisas em nossas vidas. Chamamos esta primeira lição de “Ética nas Escrituras”. E introduziremos essa série primeiro estabelecendo uma definição bíblica de ética cristã, examinando depois os três critérios bíblicos de boas obras e, finalmente, sugerindo os contornos básicos de um processo bíblico em três partes para a tomada de decisões éticas. Vamos começar definindo o conceito de ética cristã.

DEFINIÇÃO

Quase todos os povos em todos os lugares têm sistemas éticos. Diferentes religiões, culturas, sociedades e indivíduos variam nas maneiras pelas quais eles determinam o que é ético, e frequentemente chegam a conclusões radicalmente diferentes sobre quais comportamentos e idéias devem ser endossados e quais devem ser censurados. O campo de estudo que investiga esses diferentes sistemas e suas conclusões é geralmente chamado de ética.

Em termos gerais, a ética é o estudo do certo e do errado em termos morais, o estudo do que é bom e do que é mal. Essa definição será suficiente como uma orientação básica para a ética, mas nessas lições não estamos tão interessados no amplo estudo da ética mas sim na visão cristã ou bíblica da ética. Então, vamos trabalhar com uma definição que seja um pouco mais restrita do que o estudo do certo e do errado em termos morais. Nós definiremos a ética cristã como:

Teologia, vista como um meio de determinar quais pessoas, atos e atitudes humanas recebem as bênçãos de Deus e quais não recebem.

A fim de entender o significado de nossa visão da ética cristã, examinaremos três aspectos dessa definição: Primeiro, notaremos como ela chama a atenção para Deus e suas bênçãos. Em segundo lugar, veremos a amplitude das questões incluídas na ética cristã. E terceiro, vamos considerar como a ética cristã vai além de meras ações. Primeiro, considere como nossa definição enfoca a ética como uma questão de Deus e suas bênçãos.

DEUS E BÊNÇÃOS

Ao contrário de muitos outros sistemas éticos, nossa definição enfoca Deus e sua bênção, em vez de termos como bem ou mal, ou certo ou errado. Aquelas coisas que recebem as bênçãos de Deus são boas e corretas, enquanto aquelas coisas que não recebem sua bênção são erradas e más. Mas quais são algumas das implicações de se concentrar em Deus e sua bênção dessa maneira?

Ao nos concentrar em Deus e em sua bênção dessa maneira, queremos dizer duas coisas: primeiro, a natureza de Deus é o padrão da moralidade. E segundo, as ações de Deus demonstram o padrão de moralidade. Vamos analisar essas duas ideias com mais detalhes.

Natureza Divina

Primeiro, afirmamos que o próprio Deus é o padrão supremo do certo e errado, do bem e do mal. Ao dizer isso, negamos que a moralidade última é um padrão fora de Deus, ao qual ele deve obedecer se for considerado bom. Em vez disso, insistimos que Deus não é responsável por nenhum padrão fora de si e que tudo o que está de acordo com seu caráter é bom e correto, enquanto tudo o que não está é mal e errado. Considere estas ideias à luz do ensinamento de João em 1 João 1:5-7:

Deus é luz; nele não há treva alguma. Se afirmarmos que temos comunhão com ele, mas andamos nas trevas, mentimos e não praticamos a verdade. Se, porém, andarmos na luz, como ele está na luz, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado (1 João 1:5-7).

Essa metáfora de Deus como luz é primariamente uma avaliação moral. A escuridão é equiparada ao pecado e às mentiras e à luz com verdade e pureza do pecado. É uma imagem de Deus perfeitamente livre do pecado em sua própria natureza. E é uma descrição do pecado como aquilo que é estranho à natureza de Deus.

À luz dessa passagem e de outras semelhantes, somos obrigados a ver a natureza de Deus como padrão e modelo de bondade e retidão. E pelas mesmas razões, somos obrigados a condenar como pecaminosos, maus e errados as coisas que se opõem à sua natureza.

Ações Divinas

A segunda coisa que queremos dizer ao focar em Deus e em sua bênção é que as ações de Deus demonstram o padrão da moralidade. Uma das principais maneiras pelas quais Deus mostra sua aprovação para o que é certo e bom é dando bênçãos. Da mesma forma, ele mostra seu ódio pelo que é errado e mal, retendo bênçãos e derramando maldições. Nós vemos este princípio em ação inúmeras vezes através da Bíblia.

Por exemplo, ao explicar os termos de sua aliança com Israel em Levítico 26:3, Deus ofereceu-se para conceder-lhes tremendas bênçãos sob a condição de que “andem em [seus] estatutos e guardem [seus] mandamentos”. Mas começando no versículo 14 do mesmo capítulo, ele ameaçou Israel com maldições horríveis sobre eles se eles não obedecessem a cada palavra sua. Ouça a maneira como ele introduziu essas maldições em Levítico 26:14-16:

Se vocês não me ouvirem e não colocarem em prática todos esses mandamentos, e desprezarem os meus decretos, rejeitarem as minhas ordenanças, deixarem de colocar em prática todos os meus mandamentos e forem infiéis à minha aliança, então assim os tratarei: eu lhes trarei pavor repentino, doenças e febre que lhes tirarão a visão e lhes definharão a vida (Levítico 26:14-16).

As maldições neste capítulo seguem por muitos e muitos versículos, cada um mais terrível que o anterior. Mas o ponto é que Deus ameaça estas maldições contra aqueles que se recusam a obedecer seus mandamentos e desprezam seu relacionamento de aliança. Em nenhum lugar nesta passagem Deus proclama que desobedecê-lo é mau ou errado. No entanto, esta é a única conclusão que podemos extrair com base nos terríveis juízos que ele ameaça contra aqueles que se voltam contra ele.

Ao buscarmos nas Escrituras as maneiras pelas quais Deus revelou os padrões do bem e do mal, descobrimos que muitas vezes a Bíblia comunica o certo e o errado registrando as reações de Deus, em vez de rotular explicitamente as coisas boas ou más. Quando prestamos atenção às bênçãos e maldições de Deus, descobrimos que o aspecto ético de muitos textos se torna mais claro.

Além de focar em Deus e em suas bênçãos, nossa definição de ética cristã destaca a amplitude do assunto da ética. Ao usarmos o termo “ética”, não apenas nos referimos a um ramo específico da teologia, mas a um aspecto essencial de toda teologia e todo o viver cristão.

AMPLITUDE DE PROBLEMAS

No passado, a ética era vista como uma subseção da teologia que lidava com questões morais práticas. A ética cristã era normalmente ensinada como se fosse apenas uma das muitas disciplinas teológicas. Nesse modelo antigo, grande parte da teologia poderia ser feita com pouca ou nenhuma preocupação com a ética. Como resultado, os

professores de ética freqüentemente lidavam apenas com pequenas porções de teologia e vida.

Em contraste, nossa definição enfatiza que a ética cristã afeta todas as dimensões da vida cristã. A ética é: Teologia vista como um meio de determinar o que é bem e mal.

De um modo ou de outro, toda disciplina e assunto teológico trata das bênçãos de Deus sobre o que é bom e as maldições de Deus sobre o que é mal. Toda disciplina de teologia nos obriga a acreditar em certos fatos, a fazer certas coisas e a sentir certas emoções. E porque é certo acreditar, fazer e sentir essas coisas, e é errado não acreditar, fazer e sentir outras coisas, toda teologia envolve o estudo do certo e do errado. Toda teologia envolve ética.

Agora, além disso, a ética cristã toca em todas as áreas da vida. A teologia em si não se restringe a uma pequena área da vida. No terceiro capítulo do meu livro *A Doutrina do Conhecimento de Deus*, eu defino “teologia” como “a aplicação da Palavra de Deus a toda a vida”. Em outras palavras, a teologia não é apenas reflexão sobre Deus e sua Palavra. Pelo contrário, é uma reflexão que leva a uma aplicação. Nada está fora dos padrões morais de Deus. Considere esta abordagem da ética e da teologia à luz de 2 Timóteo 3:16-17.

Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, 17 para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra (2 Timóteo 3:16-17).

Ensinar, repreender, corrigir e treinar resumem as maneiras pelas quais aplicamos as Escrituras às nossas vidas. Podemos parafrasear este versículo dizendo: Toda a Escritura é útil para a teologia, que prepara o homem de Deus para fazer o que é moralmente correto em todas as partes de sua vida. Simplificando, a ética cristã toca em todas as áreas da vida.

PROFUNDIDADE DE QUESTÕES

Além de focar na amplitude do tema da ética, nossa definição aborda não apenas o comportamento, como é comum em muitos sistemas éticos, mas também as atitudes e naturezas das pessoas individuais. Nossa definição de ética cristã destaca quais pessoas, atos e atitudes humanas recebem as bênçãos de Deus e quais não. Os padrões morais de Deus nos responsabilizam por nossas ações, nossos pensamentos e as inclinações de nosso coração e nossas próprias naturezas.

Agora, podemos dizer com certeza que a Bíblia enfatiza o bom comportamento. E é geralmente óbvio para a maioria das pessoas que as ações podem ser consideradas corretas ou erradas, de modo que não gastaremos muito tempo explicando o motivo para incluir o comportamento nesta definição. Mas devemos lembrar também que as Escrituras vêem as atitudes como moralmente certas ou erradas. Muitos crentes bem-intencionados pensam que nossas atitudes e emoções são amorais, isto é, que elas não são nem boas nem más. Mas a Escritura demonstra repetidas vezes que nossos sentimentos

podem ser confirmados como moralmente corretos ou denunciados como moralmente errados.

Como a Bíblia ensina os cristãos a conformar cada aspecto de suas vidas e estar de acordo com os padrões morais de Deus, a ética cristã deve abordar não apenas o comportamento, mas também emoções, orientações, preferências, inclinações, preferências, pensamentos, imaginações, crenças e nossas próprias naturezas. Por exemplo, em Mateus 5:22, Jesus ensinou que:

Qualquer que se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento (Mateus 5:22).

E em Mateus 5:28 ele acrescentou que:

Qualquer um que olhar para uma mulher para desejá-la, já cometeu adultério com ela em seu coração (Mateus 5:28).

Em ambos os exemplos, Jesus condenou como pecaminosas as emoções e atitudes do coração, aquelas que motivaram ou não a pessoa a agir. De fato, ele ensinou que essas atitudes realmente violam os mesmos mandamentos que proíbem as ações pecaminosas. E considere sua descrição do coração humano em Marcos 7:21-23:

Pois de interior do coração dos homens vêm os maus pensamentos, as imoralidades sexuais, os roubos, os homicídios, os adultérios, as cobiças, as maldades, o engano, a devassidão, a inveja, a calúnia, a arrogância, e a insensatez. Todos esses males vêm de dentro (Marcos 7:21-23).

Não só as atitudes más são moralmente erradas em si mesmas, como também são a raiz das más ações.

Seguindo as Escrituras, também falaremos de pessoas moralmente boas e más. Um mau comportamento flui de um coração maligno; um coração maligno flui de uma natureza maligna. Por essa razão, se quisermos agradecer a Deus, não é suficiente que nossas ações e atitudes sejam apenas moralmente boas. Também devemos ser pessoas intrinsecamente boas; devemos ter boas naturezas. As escrituras abordam este aspecto do nosso ser em Romanos 8:5-9, onde Paulo escreveu:

Quem vive segundo a carne tem a mente voltado para o que a carne deseja; mas quem vive de acordo com o Espírito, tem a mente voltada para o que o Espírito ... A mentalidade da carne é inimiga de Deus porque não se submete a Lei de Deus, nem pode fazê-lo ... Entretanto, vocês não estão sob o domínio da carne, mas do Espírito, se de fato o Espírito de Deus habita em vocês (Romanos 8:5-9).

Em suma, todos os incrédulos “existem de acordo com a carne”. Suas naturezas são más e, portanto, suas ações e atitudes também são más. Paulo identificou a natureza

caída como sendo a fonte de uma mente que é hostil a Deus e que não se submete e não pode se submeter à lei de Deus.

Distinguindo-se dos incrédulos, os crentes são habitados pelo Espírito Santo. E quando ele escreveu sobre aqueles que vivem de acordo com o Espírito, ele se referiu às novas naturezas que os crentes têm porque o Espírito Santo habita nelas. Isso significa que os crentes têm um antídoto para a natureza caída e possuem a capacidade de se conformar ao padrão de ética de Deus.

Assim, quando falamos de ética cristã como “Teologia, vista como um meio de determinar quais pessoas, atos e atitudes humanas recebem a bênção de Deus e quais não”, queremos dizer pelo menos três coisas: Primeiro, o próprio Deus é o padrão da ética; só ele é a regra pela qual todo certo e errado são medidos. Em segundo lugar, toda teologia, e mesmo toda a vida, tem dimensões éticas. Terceiro, os padrões morais de Deus nos responsabilizam em nossas ações, nossos pensamentos e inclinações de nosso coração e em nossas próprias naturezas.

Agora que definimos o que queremos dizer quando falamos de ética cristã, devemos voltar nossa atenção para os três critérios bíblicos para aquilo que é eticamente bom.

TRÊS CRITÉRIOS

Uma maneira muito útil de examinar o ensino da Bíblia sobre essa questão complexa é examinar como a *Confissão de Fé de Westminster* define as boas obras dos incrédulos. Veja o capítulo 16, parágrafo 7, em que a Confissão de Fé de Westminster faz algumas distinções importantes a respeito das boas obras realizadas pelos incrédulos:

As obras feitas pelos não regenerados, embora sejam, quanto à matéria, coisas que Deus ordena, e úteis tanto a si mesmos como aos outros, contudo, porque procedem de corações não purificados pela fé, não são feitas devidamente — segundo a palavra; — nem para um fim justo — a glória de Deus; são pecaminosas e não podem agradar a Deus, nem preparar o homem para receber a graça de Deus; não obstante, o negligenciá-las é ainda mais pecaminoso e ofensivo a Deus.

Desde o início, vemos aqui que a *Confissão de Westminster* admite, com razão, que existe um sentido no qual os incrédulos fazem coisas que Deus ordena. Mais do que isso, também reconhece que as ações dos incrédulos podem produzir resultados bons e benéficos para si e para os outros. Em outras palavras, em um sentido, os incrédulos podem fazer coisas que se assemelham à nossa definição de vida ética: ações que trazem a bênção de Deus. Sobre este assunto, as Escrituras concordam. Por exemplo, em Mateus 7:9-11 o Senhor falou estas palavras:

Qual de vocês, se seu filho pedir pão, lhe dará uma pedra? Ou se pedir peixe, lhe dará uma cobra? Se vocês, apesar de serem maus,

sabem dar boas coisas aos seus filhos, quanto mais o Pai de vocês, que está nos céus, dará coisas boas aos que lhe pedirem! (Mateus 7:9-11).

É muito comum que as pessoas em geral façam algumas coisas que são externamente boas, como amar e sustentar seus filhos. Na verdade, seria extremamente difícil apontar para uma pessoa que nunca fez nada que se parecesse exteriormente com as obras que Deus aprova, ou que nunca tiveram uma atitude semelhante àquelas que inspiram as bênçãos de Deus. Portanto, existe um sentido superficial em que até mesmo os incrédulos podem fazer coisas que Deus ordena e se beneficia deles.

No entanto, a *Confissão de Fé de Westminster*, com razão, não deixa a questão repousar neste ponto. Em vez disso, aponta que as ações aparentemente virtuosas que os incrédulos realizam não são o que parecem ser. Observe o que a *Confissão* diz: Essas ações são pecaminosas; eles não podem agradar a Deus ou fazer alguém digno de graça de Deus.

Mesmo que possamos aplaudir os incrédulos quando eles se ajustam externamente aos mandamentos de Deus, temos que lembrar que eles não são verdadeiramente virtuosos. Eles não são bons o suficiente para agradar a Deus ou para ganhar a bênção da salvação. Mas por que isso? Como ações que aparentemente se ajustam às ordens de Deus ainda são pecaminosas?

Como veremos, a obediência aos mandamentos de Deus deve ser feita com o motivo apropriado. Segundo, deve ser feito de acordo com o padrão apropriado, de acordo com a maneira prescrita nas Escrituras. E terceiro, deve ser feita com o objetivo correto em mente, ou seja, glorificar a Deus. Em resumo, a menos que um trabalho seja feito com o motivo certo, em conformidade com o padrão correto e com o objetivo certo, não é um trabalho que Deus recompensará com bênçãos.

Em primeiro lugar, vamos olhar mais de perto o motivo adequado.

MOTIVO ADEQUADO

A menos que um trabalho seja feito com o motivo certo, não é um trabalho que Deus recompensará com bênçãos. Primeiro, deve proceder de um coração que é purificado pela fé. Em segundo lugar, as ações devem fluir do amor cristão.

Fé

Nas palavras da *Confissão de Fé de Westminster*, “As obras [que] procedem não de um coração purificado pela fé ... são pecaminosas, e não podem agradar a Deus”. Esse critério do motivo certo está intimamente associado à forma como a nossa definição da ética cristã foca nas pessoas de uma natureza boa. Como já dissemos, somente os crentes habitados pelo Espírito Santo podem fazer obras que Deus recompensa com bênçãos.

Uma razão para isso é que somente os crentes têm corações que são purificados pela fé. Aqui a Confissão está falando da fé salvadora dada por Deus, que permanece e cresce dentro dos crentes. É o meio de purificação através do qual os crentes recebem

naturezas novas e boas. E isso motiva devidamente os crentes a fazerem boas obras. Como Tiago escreveu em 2:14-20:

De que adianta ... alguém dizer que tem fé, se não tem obras? Acaso a fé pode salvá-lo? ... Assim também a fé, por si só, se não for acompanhada de obras, está morta ... Quer certificar-se de que a fé sem obras é inútil? (Tiago 2:14-20).

O tipo de fé que purifica o coração, o tipo de fé que salva, é o tipo de fé que motiva as boas obras. Esta é a fé possuída pelos crentes e somente pelos crentes. Ouça a maneira como o autor de Hebreus explica isso em Hebreus 11:6:

Sem fé é impossível agradar a Deus, pois quem dele se aproxima precisa crer que ele existe e que recompensa aqueles que o buscam (Hebreus 11:6).

A menos que nossas tentativas de buscar as bênçãos de Deus sejam fundamentadas na fé, não podemos agradar a Deus e, portanto, não podemos ser recompensados por ele. Em outras palavras, sem a fé como um dos nossos motivos, não podemos fazer boas obras.

A declaração de Paulo a respeito dessa doutrina é talvez a mais clara e mais sucinta de toda a Escritura. Em Romanos 14:23 ele escreveu:

Tudo o que não provém da fé é pecado (Romanos 14:23).

Para que Deus se satisfaça com nossas ações como boas obras, elas devem fluir da fé salvadora.

E junto da necessidade da fé salvadora, a Escritura também enfatiza o tema do motivo apropriado, haja vista o foco dado ao amor cristão.

Amor

Considere que em 1 Coríntios 13 Paulo ensinou que nossas obras são inúteis se não forem motivadas pelo amor. Nos versículos 1-3 ele escreveu:

Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o sino que ressoa ou como o prato que retine. Ainda que eu tenha o dom de profecia e saiba todos os mistérios e todo o conhecimento, e tenha uma fé capaz de mover montanhas, se não tiver amor, nada serei. Ainda que eu dê aos pobres tudo o que possuo e entregue o meu corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me valerá (1 Coríntios 13:1-3).

Obras e até mesmo dons espirituais que produzem resultados benéficos não merecem recompensa se não forem motivados pelo amor. E como já vimos, coisas que não merecem recompensa não são boas aos olhos de Deus.

Vemos essa preocupação também no modo como Jesus resumiu a revelação de Deus nas Escrituras em Mateus 22:37-40:

“Ame o Senhor, o seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento”. Este é o primeiro e maior mandamento. E o segundo é semelhante a ele: ‘Ame o seu próximo como a si mesmo’. Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas” (Mateus 22:37-40).

Rejeitar a lei de Deus é rejeitá-lo na medida ele se oferece a nós em um relacionamento de aliança. E desobedecer a sua lei é pecar. Aqui Jesus nos ensina que a própria Lei, e o restante do Antigo Testamento, requer acima de tudo que amemos o Senhor e nosso próximo.

O amor é um aspecto de toda lei que Deus exige que obedeçamos, de modo que, se não agirmos com amor, nenhum trabalho que façamos pode se ajustar ao seu padrão. E o que torna o padrão de Deus ainda mais difícil de alcançar é que nosso amor deve ser tanto para Deus quanto para o próximo. Os incrédulos não amam a Deus; eles são hostis a ele. E como resultado, eles nunca podem ser motivados pelo amor a Deus. Em outras palavras, eles nunca podem ter o motivo certo. E por causa disso, eles nunca podem fazer nada que Deus considere, em um sentido último, ser bom.

PADRÃO ADEQUADO

Além de salientar que as boas obras devem fluir dos motivos certos, a *Confissão de Fé de Westminster* também afirma que as boas obras devem estar de acordo com o padrão correto. Ouça as palavras do capítulo 16, parágrafo 7 novamente:

Trabalhos feitos por homens não regenerados ... podem ser coisas que Deus ordena e de bom uso para si e para os outros; todavia, porque eles não são feitos de uma maneira correta, de acordo com a Palavra ... eles são, portanto, pecaminosos.

Aqui a *Confissão* enfatiza que, para que as obras sejam boas, elas devem ser feitas de acordo com o padrão da Palavra de Deus, isto é, a revelação de Deus.

Para apresentar nossa abordagem ao padrão certo, abordaremos três assuntos: primeiro, os mandamentos das Escrituras; segundo, toda a Escritura; e terceiro, a revelação geral, a própria criação.

Mandamentos

Em primeiro lugar, todos os mandamentos das Escrituras são projetados para nos guiar. Veja como João resumiu essa ideia em 1 João 3:4:

Todo aquele que pratica o pecado transgride a lei; de fato, o pecado é a transgressão da Lei (1 João 3:4).

Observe o que João não disse. Ele não ensinou simplesmente que todo aquele que comete ilegalidade comete pecado, como se a iniquidade fosse apenas um dos muitos tipos de pecado. Em vez disso, ele disse que todo mundo que peca é culpado de ilegalidade, o que significa que todo pecado implica ilegalidade. Todo pecado viola a lei de Deus.

As palavras de João aqui são categóricas e colocam a importância do padrão apropriado nos termos mais fortes possíveis. Mas hoje devemos notar que muitos cristãos pensam que é possível que algumas violações da lei de Deus não sejam pecaminosas. Muitos cristãos pensam que certos mandamentos de Deus podem ser ignorados. Bem, o apóstolo Tiago abordou essa questão em 2:9-10 de sua carta:

Mas se tratarem os outros com parcialidade, estarão cometendo pecado e serão condenados pela Lei como transgressores. Pois quem obedece a toda a Lei, mas tropeça em apenas um ponto, torna-se culpado de quebrá-la inteiramente (Tiago 2:9-10).

Claramente algumas violações da Lei são pecaminosas, como mostrar favoritismo, o que Tiago mencionou. Mas Tiago continuou dizendo que violar qualquer estipulação específica da Lei era violar toda estipulação da Lei. Como a Lei é um todo unificado que reflete o caráter e a natureza de Deus, transgredir qualquer parte dela é, em alguns sentidos, transgredir cada parte dela e pecar contra o próprio Deus. Portanto, se quaisquer violações da lei são pecaminosas, todas as violações da lei são pecaminosas.

Agora, iremos examinar esse assunto mais profundamente em lições futuras, mas, desde o início, devemos fazer uma firme distinção aqui entre a lei de Deus e sua aplicação. De uma perspectiva bíblica, toda lei ainda é obrigatória para os seguidores de Cristo. Mas o processo de aplicação é complexo, tão complexo que a obediência em uma situação pode parecer muito diferente da obediência em outra situação.

Agora, devemos enfatizar que não estamos defendendo o relativismo. Não é verdade que a Bíblia signifique coisas diferentes para pessoas diferentes e que todos esses significados sejam igualmente válidos. Pelo contrário, a Bíblia significa o que Deus diz que significa — o sentido que seus autores originais pretendiam dar. A Palavra de Deus é nossa norma obrigatória, e não podemos mudar disso. Portanto, estamos justificados em dizer que todas as boas obras devem estar em conformidade com o padrão da lei bíblica.

Toda a escritura

Em segundo lugar, o padrão apropriado requer submissão a toda a Bíblia. A *Confissão de Fé de Westminster* não diz apenas que a Lei de Deus é um critério de todas as boas obras, mas que a Palavra de Deus como um todo é um critério de boas obras. Ou seja, as boas obras devem ser feitas de acordo com o ensino de toda revelação, especialmente as Escrituras, mesmo de acordo com as partes que não são formalmente parte da lei. Considere, por exemplo, que até a própria Lei apela para outras partes da Escritura como base para seus mandamentos.

Por exemplo, nos Dez Mandamentos, o mandamento do Sabbath apela para o relato da criação como a base de sua autoridade. Em Êxodo 20:9-11, lemos:

Trabalharás seis dias e neles farás todos os teus trabalhos, mas o sétimo dia é o sábado dedicado ao Senhor, o teu Deus ... Pois em seis dias o Senhor fez os céus e a terra, o mar e tudo o que neles existe, mas no sétimo dia descansou. Portanto, o Senhor abençoou o sétimo dia e o santificou (Êxodo 20:9-11).

Neste ponto, os Dez Mandamentos estabelecem sua autoridade moral vinculante sobre as implicações morais do relato da criação.

Jesus fez algo semelhante quando defendeu os chamados discípulos do sábado, baseados no comportamento de Davi. Ouça a maneira como ele respondeu aos fariseus em Mateus 12:3-4:

Vocês não leram o que fez Davi quando ele e seus companheiros estavam com fome? Ele entrou na casa de Deus e, junto com os seus companheiros, comeu os pães da Presença, o que não lhes era permitido fazer, mas apenas aos sacerdotes (Mateus 12:3-4).

Jesus aprovou as ações de Davi e extraiu deles uma aplicação moral. E ele fez isso mesmo que o relato desse evento não fizesse parte do código legal. Então, vemos que na Bíblia não apenas a Lei é tratada como o padrão para boas obras, mas também as outras porções. Mas isso não deve parecer estranho para nós. Afinal, no início desta lição, lemos 2 Timóteo 3:16-17.

Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra (2 Timóteo 3:16-17).

Paulo não limitou os aspectos morais das Escrituras às partes que contêm mandamentos e códigos legais. Em vez disso, ele insistiu que toda a Escritura era útil para o treinamento ético, que toda a Escritura coloca exigências morais sobre nós. Portanto, nossas ações devem estar de acordo com os padrões de toda a Escritura, para que sejam moralmente boas.

Revelação Geral

Mas também sugerimos que a Palavra de Deus é ainda mais ampla que as Escrituras. Em um sentido muito importante, a revelação de Deus na própria criação é parte de sua Palavra, de modo que a revelação de Deus dada através da criação, que é comumente chamada de “revelação geral”, também faz parte do padrão de boas obras. Um dos lugares mais claros que encontramos na Bíblia é Romanos 1:20. Lá Paulo escreveu:

Pois desde a criação do mundo os atributos invisíveis de Deus, seu eterno poder e sua natureza divina, têm sido vistos claramente, sendo compreendidos por meio das coisas criadas, de forma que tais homens são indesculpáveis (Romanos 1:20).

Paulo então prosseguiu argumentando que, apesar do que os homens sabem sobre os padrões morais de Deus através da revelação geral, preferem pecar.

Mas o ponto é este: as ações dos homens são condenadas porque violam os padrões revelados pela revelação geral de Deus. Ou, para colocar nos termos que temos usado, a revelação geral é parte da Palavra de Deus e parte do critério ao qual as boas obras devem estar de acordo. Então, para recapitular o que dissemos, a Escritura ensina que as boas obras devem estar de acordo com a Palavra de Deus, conforme revelado na Lei, em toda a Escritura e na criação.

OBJETIVO APROPRIADO

Além de precisar ser devidamente motivado e estar em conformidade com o padrão da Palavra de Deus, todas as boas obras devem ter o objetivo certo. Agora, boas obras podem ter vários objetivos imediatos. Por exemplo, quando os pais ganham dinheiro para pagar por comida, abrigo, roupas, seu objetivo imediato é sustentar a si e suas famílias. Este é um objetivo bom e admirável. Mas em nosso estudo de ética, estamos mais interessados no objetivo final das obras que as pessoas realizam.

Se nossas obras são para agradecer a Deus, metas imediatas como cuidar de nossas famílias, obedecer a nossos pais, guardar o Sabbath e coisas semelhantes, devem ser parte de um quadro maior. Nós devemos fazer estas coisas porque em nosso núcleo queremos glorificar a Deus vivendo de um modo que lhe agrade.

As Escrituras nos ensinam de muitas maneiras diferentes que a glória de Deus deve ser um objetivo central e fundamental em nossas vidas. Isso é feito tanto por exemplos específicos quanto em princípios gerais. Um exemplo disso aparece nas instruções de Paulo sobre comer carne vendida no mercado. Paulo permitiu que tanto comer quanto se abster pudessem ser boas coisas, desde que a glória de Deus fosse respeitada. Ele escreveu estas palavras em 1 Coríntios 10:31:

Quer vocês comam, bebam ou façam qualquer outra coisa, façam tudo para a glória de Deus (1 Coríntios 10:31).

Paulo entendia que alguns objetivos imediatos poderiam fazer com que fosse bom comer, enquanto objetivos imediatos diferentes poderiam fazer com que fosse bom se abster de comer. Seu ponto era que deveria haver outro princípio que superasse esses objetivos imediatos, a saber, uma preocupação com a glória de Deus, e que a menos que essa meta final estivesse à vista, nem comer nem se abster poderia ser considerado bom. Pedro fez um ponto semelhante quando instruiu seus leitores sobre o uso de dons espirituais. Ouça suas palavras em 1 Pedro 4:11:

Se alguém fala, faça-o como quem transmite a palavra de Deus. Se alguém serve, faça-o com a força que Deus provê, de forma que em todas as coisas Deus seja glorificado (1 Pedro 4:11).

O ponto imediato de Pedro foi que todos os dons e ministérios da igreja devem ser realizados para o objetivo final da glória de Deus. Mas o princípio primordial que Pedro estava aplicando era que tudo na vida cristã deveria ser feito de uma maneira que honrasse a Deus e lhe desse glória.

Outras declarações nas Escrituras tornam este princípio geral mais explícito. Um lugar que vemos é claramente Romanos 11:36 onde Paulo escreveu estas palavras sobre Deus:

Pois dele, por ele e para ele são todas as coisas. A ele seja a glória para sempre! (Romanos 11:36)

Aqui Paulo expressou grande alegria pelo fato de que tudo é “para ele”, significando, entre outras coisas, que tudo deve ser feito pelo amor de Deus, tendo sua glória e honra como seu objetivo final. Paulo então enfatizou este ponto ao exclamar: “A ele seja a glória para sempre!”

Na verdade, este versículo sugere que Deus é finalmente glorificado em tudo o que existe, seja criando tudo que existe, sustentando, governando, capacitando ou recebendo tudo que existe como serviço em sua honra. Não nos surpreende, portanto, que ele aprove obras destinadas a lhe dar glória e que condene obras que desconsideram ou se opõem à sua glória. Deus recompensa e aprova apenas aquelas obras que têm sua glória como objetivo final.

Agora que estabelecemos uma definição bíblica de ética cristã e examinamos os três critérios bíblicos para as boas obras, devemos aplicar essas idéias, apresentando o triplo processo pelo qual os cristãos devem tomar decisões éticas.

TRÊS PARTES DO PROCESSO

Ao longo dessas lições, examinaremos os passos práticos que devemos tomar ao tomar decisões éticas. Neste ponto, entretanto, estamos em posição de esboçar os

contornos básicos da abordagem que explicaremos mais detalhadamente nas lições posteriores.

Para apresentar nossa abordagem, abordaremos três assuntos: primeiro, três tendências de diferentes grupos cristãos; segundo, três perspectivas sobre a tomada de decisão ética; e terceiro, a interdependência dessas perspectivas. Considere primeiro as tendências que diferentes grupos cristãos têm quando tomam decisões éticas.

TENDÊNCIAS

Há muitas maneiras diferentes pelas quais os crentes tentam fazer escolhas éticas na vida, mas tendem a se enquadrar em três categorias principais. Alguns enfatizam nossa consciência cristã e a liderança do Espírito Santo, insistindo que as ações são boas se estiverem de acordo com esses indicadores internos. Outros enfatizam as Escrituras, insistindo que as ações são boas se obedecerem aos ditames das Escrituras, mas ruins se não obedecerem. Outros ainda enfatizam o resultado das ações, insistindo que as ações são boas se produzirem boas conseqüências, mas ruins se produzirem conseqüências ruins.

Como vimos, a Bíblia define boas obras como aquelas que são feitas com o motivo certo, pelo padrão certo e pelo objetivo certo. E, de fato, esses três critérios para boas obras correspondem às ênfases que acabamos de mencionar.

Aqueles que enfatizam a consciência e a liderança do Espírito Santo estão primariamente preocupados com o motivo correto. Podemos dizer que eles olham primeiro para o fato de que boas obras só podem ser feitas por pessoas boas. Quando se trata de julgamentos éticos, eles tendem a fazer perguntas como: Qual é a minha atitude? Eu tenho a maturidade para tomar a decisão certa? Eu tenho a capacidade espiritual de aplicar a Palavra de Deus à situação?

Depois, há aqueles que tomam decisões éticas, concentrando-se no padrão certo. Essas pessoas enfatizam os ditames das Escrituras. Quando confrontados com uma questão ética, sua primeira pergunta tende a ser: o que diz a palavra de Deus?

Finalmente, aqueles que pensam principalmente nas conseqüências de suas ações estão principalmente interessados no objetivo certo. Eles se concentram na situação em si, fazendo perguntas como: Qual é o problema? Quais problemas estão envolvidos? Quais resultados resultarão das possíveis soluções para esse problema?

Com essas três direções gerais que os cristãos tomam ao tomar suas decisões, é importante perceber que essas direções representam, na verdade, três perspectivas essenciais para todas as decisões éticas.

PERSPECTIVAS

Ao longo dessas lições, falaremos de julgamentos ou decisões éticas desta maneira:

O julgamento ético envolve a aplicação da Palavra de Deus a uma situação por uma pessoa.

Essa definição une muitas coisas que já declaramos: mencionamos “Palavra de Deus” porque a revelação divina é o padrão ou a norma pela qual devemos medir todos os julgamentos. O termo “situação” nos lembra do problema, do objetivo e das conseqüências das soluções que devemos considerar. E mencionamos “uma pessoa” para enfatizar a importância da natureza, motivação e consciência de uma pessoa na determinação dos cursos corretos de ação. Então, na verdade, estamos sugerindo que as decisões morais só podem ser tomadas corretamente quando todas as três direções são tomadas em qualquer questão.

Muitas vezes parece contra-intuitivo para muitos crentes que nós coloquemos ênfase relativamente igual em todos esses três fatores. Afinal, nos círculos cristãos mais conservadores, valorizamos as Escrituras como nossa única regra infalível de fé e prática. Nesse sentido, valorizamos o ensino das Escrituras acima de qualquer outra consideração que possamos fazer. No entanto, é importante entender que, se formos bíblicos em nossa abordagem da ética, se seguirmos as Escrituras como nossa única regra infalível, veremos que a própria Bíblia nos ensina a considerar não apenas a Palavra de Deus, mas a situação e a pessoa, ainda mais quando vemos o processo de investigação ética como um todo.

A ética deve ser abordada de pelo menos três maneiras diferentes ou de três perspectivas diferentes. A ética deve ser feita a partir da perspectiva da Palavra de Deus, da perspectiva da situação e da perspectiva da pessoa. E biblicamente, o entendimento de todas essas perspectivas são valiosos. Portanto, a melhor abordagem é fazer a ética de todas as três perspectivas e permitir que os insights de cada perspectiva informem e influenciem as percepções dos outros.

Falaremos de três perspectivas ou abordagens para cada julgamento ético: a perspectiva situacional, a perspectiva normativa e a perspectiva existencial. Voltaremos a essas perspectivas muitas vezes nessas lições, mas, neste ponto, devemos examinar a ideia básica de cada perspectiva.

Situacional

Quando as nossas investigações éticas se voltam para os problemas em si, ou para as conseqüências das ações, ou para os objetivos, estamos fazendo a ética a partir da perspectiva situacional. Essa abordagem pode ser chamada de “teleológica” porque se concentra no fim ou no resultado das ações. Abordar a ética a partir da perspectiva situacional envolve observar as relações entre os meios e os fins na economia de Deus, fazendo perguntas como: quais são os melhores meios de alcançar os propósitos de Deus? Também inclui apelos ao comportamento moral baseado no exemplo anterior de Deus, Jesus e outros personagens moralmente bons nas Escrituras.

A própria Escritura frequentemente adota essa perspectiva e nos encoraja a fazer o mesmo quando nos instrui em tópicos éticos apelando para o controle providencial soberano de Deus de sobre sua criação. Esse apelo é particularmente evidente quando a Escritura se referindo aos eventos da redenção ou apontando para Deus, Jesus e outros

como modelos para o nosso comportamento. Por exemplo, em Romanos 6:2-4, Paulo argumentou que nossa morte para o pecado e nosso sepultamento com Cristo ocorreu para que um fim específico pudesse ser alcançado, a saber, que pudéssemos viver moralmente separados do pecado:

Nós, os que morremos para o pecado, como podemos continuar vivendo nele?... Fomos sepultados juntamente com [Cristo] ... a fim de que, assim como Cristo foi ressuscitado dos mortos mediante a glória do Pai, também nós vivamos uma vida nova (Romanos 6:2-4).

Ao fazê-lo, ele não se concentrou nos mandamentos de Deus ou na influência do Espírito Santo em nossas vidas e consciências, mas nos fatos da situação, incluindo os eventos de redenção e os fins pelos quais fomos salvos.

Paulo também fechou o capítulo 6 de Romanos com uma perspectiva situacional sobre ética. Ele escreveu estas palavras em Romanos 6:20-22:

Quando vocês eram escravos do pecado ... que fruto colheram então das coisas das quais agora vocês se envergonham? O fim delas é a morte. Mas agora que vocês foram libertados do pecado e se tornaram escravos de Deus, o fruto que colhem leva à santidade, e o seu fim é a vida eterna (Romanos 6:20-22).

Paulo encorajou seus leitores a viverem vidas santas e morais e se absterem dos pecados que cometeram uma vez. Paulo argumentou que, vivendo vidas santas, eles obteriam a vida eterna. Aqui, ele também argumentou com base nas consequências, mas desta vez ele se concentrou na recompensa que seria dada em resposta à vida piedosa. Pedro também apresentou argumentos situacionais para o comportamento moral. Ouça a maneira como ele argumentou em 1 Pedro 2:21:

Para isso vocês foram chamados, pois também Cristo sofreu no lugar de vocês, deixando-lhes exemplo, para que sigam os seus passos (1 Pedro 2:21).

Aqui Pedro encorajou os crentes a estarem dispostos a sofrer por causa da justiça, e ele não o fez citando Escritura ou falando da direção interior do Espírito Santo, mas apelando para os fatos da história redentora e especificamente para o exemplo do sofrimento de Jesus na cruz.

Normativo

Talvez a perspectiva mais intuitiva para os cristãos seja o que chamamos de perspectiva normativa. Normativo refere-se ao fato de que a Palavra de Deus é a norma,

ou padrão, para a ética. Estamos fazendo ética a partir da perspectiva normativa quando olhamos para a Bíblia para nos dizer o que fazer.

Por exemplo, ao restaurar a adoração adequada a Israel, o rei Josias instruiu seu povo a celebrar a Páscoa. Em 2 Reis 23:21 ele ordenou-lhes:

Celebrem a Páscoa ao Senhor, o seu Deus, conforme está escrito neste Livro da Aliança (2 Reis 23:21).

Seu argumento não era que a história redentora, ou os fatos de sua situação os vinculassem a essa obrigação, ou que Deus internamente os orientasse a manter a Páscoa, mas que a própria Escritura os orientou a celebrar esse memorial. Seu apelo foi para as palavras da lei que Deus havia entregue ao seu povo através de Moisés.

O apóstolo João também adotou a perspectiva normativa quando apelou para o mandamento de Deus como base para a fé e o comportamento em 1 João 3:23:

E este é o seu mandamento: Que creiamos no nome de seu Filho Jesus Cristo e que nos amemos uns aos outros, como ele nos ordenou (1 João 3:23).

Novamente, a Palavra de Deus foi a base para o comportamento. Deus ordenou que as pessoas se comportassem e acreditassem de um certo modo, e somente a sua autoridade obrigava todas as pessoas a se conformarem com esse padrão moral.

Tendo agora olhado para as perspectivas situacionais e normativas, nos voltamos a ética vista a partir da perspectiva da pessoa, a qual chamaremos de perspectiva existencial.

Existencial

Quando nos aproximamos da ética fazendo perguntas específicas às pessoas envolvidas, estamos fazendo a ética a partir de uma perspectiva existencial. Por “existencial”, não queremos associar essa perspectiva à filosofia particular dos existencialistas. Em vez disso, queremos dizer que essa perspectiva vê a ética pelas lentes da experiência da pessoa. A perspectiva existencial concentra-se na pessoa em confronto e interação com Deus. Quando nos aproximamos da ética a partir dessa perspectiva, não degradamos a autoridade de Deus nem exaltamos nossas próprias sensibilidades como nosso último padrão de certo e errado. Em vez disso, fazemos perguntas como: como devo mudar para ser santo? E prestamos atenção a influências como a direção interior do Espírito Santo e a consciência pessoal santificada.

Assim, vemos que a Escritura afirma nossa consciência e a liderança do Espírito Santo como um meio válido para determinar o que é certo e errado. Juntamente com as perspectivas situacional e normativa, a perspectiva existencial é uma ferramenta necessária para nós, à medida que procuramos fazer juízos éticos.

As Escrituras contêm muitos exemplos dessa abordagem da ética, como em 1 João 3:21, onde o apóstolo escreveu:

Amados, se nosso coração não nos condenar, temos confiança diante de Deus (1 João 3:21).

Seu ponto era que, como pessoas redimidas, nossos corações estão sintonizados com o caráter de Deus, e se o amor de Deus habita em nós, seremos capazes de intuir o que é certo e o que é errado. Deus move-se dentro de seu povo para convencê-los de certo e errado. E quando reconhecemos esse aspecto ao fazer ética, estamos usando a perspectiva existencial.

Encontramos o mesmo tipo de pensamento nos escritos de Paulo. Por exemplo, em Gálatas 5, Paulo associou a carne à nossa natureza pecaminosa e listou muitos atos imorais que a carne nos motiva a cometer. Ele também explicou que o Espírito Santo trabalha em nós para produzir coisas moralmente boas, como amor, alegria e paz. Neste contexto, ele explicou que os crentes podem realizar boas ações, obedecendo a direção interna do Espírito Santo. Ouça seu ensinamento em Gálatas 5:16:

Vivam pelo Espírito, e de modo nenhum satisfarão os desejos da carne (Gálatas 5:16).

Uma maneira legítima para os crentes fazerem juízos éticos é atentar para o estímulo interno do Espírito. E quando fazemos isso, estamos vendo certo e errado a partir da perspectiva existencial.

Em Romanos 14:5, 14, 23, Paulo colocou tanta ênfase na perspectiva existencial que ele insistiu que violar nossas consciências era pecado, mesmo que nossas consciências não sejam perfeitas.

Cada um deve estar plenamente convicto em sua própria mente ... Eu tenho plena convicção de que nenhum alimento é por si mesmo impuro, a não ser para quem assim o considere; para ele é impuro ... aquele que tem dúvida é condenado se comer, porque não come com fé; e tudo o que não provém da fé é pecado (Romanos 14:5, 14, 23).

Paulo estava falando de comida sacrificada a ídolos e explicando que era bom para os cristãos comerem esse alimento, desde que em suas mentes eles não pensassem nisso como um ato de adoração pagã. Mas se suas consciências não permitissem que eles comessem dessa maneira, seria pecado para eles comerem essa comida.

Curiosamente, no contexto deste capítulo, Paulo argumentou que, se o assunto fosse visto simplesmente de perspectivas normativas e situacionais, a maioria dos crentes estaria inclinada a comer esse alimento. Mas ele insistiu que os crentes também consideram os entendimentos da perspectiva existencial e que eles não comam, a menos que possam chegar às mesmas conclusões de todas as três perspectivas.

Agora que introduzimos as perspectivas situacionais, normativas e existenciais na ética, devemos passar algum tempo examinando a maneira como essas três perspectivas interagem e dependem umas das outras. As três perspectivas diferentes das quais

podemos nos aproximar da ética não são partes constituintes separadas; em vez disso, cada perspectiva é o todo da ética, vista de um ângulo ou de outro.

Eu tenho que admitir que a princípio, isso pode ser um pouco confuso. Afinal, parece que alguns dos exemplos que já apresentamos nesta lição empregam apenas uma perspectiva de cada vez. Mas, na realidade, todos os nossos exemplos envolvem todas as três perspectivas. Simplesmente escolhemos exemplos em que uma perspectiva é exibida com maior destaque para apresentar as diferenças entre as três. A verdade é que nenhuma perspectiva deveria funcionar isolada das outras.

INTERDEPENDÊNCIA

Em primeiro lugar, considere o que está envolvido na perspectiva situacional. A situação envolve todos os fatos relevantes das questões éticas que estamos considerando, incluindo as pessoas envolvidas na questão e a Palavra de Deus, que é o padrão pelo qual o assunto deve ser avaliado. Se não fosse por pessoas, não haveria ninguém para fazer uma investigação ética, e se não fosse pela revelação de Deus, nada seria conhecido sobre os fatos em primeiro lugar. Em outras palavras, mesmo quando avaliamos questões éticas a partir da perspectiva situacional, nossas investigações devem sempre incluir considerações pessoais e normativas. É seguro dizer que, a menos que vejamos a situação à luz da Palavra de Deus, e a menos que reconhecemos como a situação afeta a nós como pessoas, não compreendemos corretamente a situação.

O mesmo acontece quando falamos da perspectiva normativa. Se não pudermos aplicar as palavras da Escritura às nossas situações e “eus”, realmente não entendemos as Escrituras. Considere o homem que diz: “Eu sei o que ‘não roubarás’ significa, mas eu não sei como isso se aplica a mim ou aos fundos que eu desviei do meu empregador.” Essa pessoa certamente não tem um conceito adequado de palavras “Você não deve roubar.” Ele afirma compreender os requisitos normativos, mas sua incapacidade de compreender um contexto situacional ao qual eles se aplicam demonstra que, na realidade, ele tem pouca noção do que a Bíblia requer.

E, claro, o mesmo pode ser dito sobre a perspectiva existencial. Não podemos corretamente entender o “eu” a menos que o vejamos no contexto de sua situação e corretamente interpretá-lo à luz da Palavra de Deus. Nossas consciências devem ser informadas pela Escritura se quisermos intuir corretamente. E também precisamos conhecer os fatos de uma situação antes que nossa consciência possa apontar corretamente nossas responsabilidades.

Então, cada perspectiva exige consideração pelos outros. Se aplicarmos perfeitamente qualquer perspectiva, ela nos mostrará todos os mesmos entendimentos que podemos obter dos outros dois. O problema é que não somos seres humanos perfeitos com uma percepção perfeita. Por essa razão, geralmente não vemos questões existenciais e situacionais muito claramente quando abordamos as questões de um ponto de vista exclusivamente normativo. E normalmente não compreendemos bem as questões normativas e existenciais se apenas adotamos a perspectiva situacional. E, claro, também é verdade que, se olharmos apenas para aspectos existenciais de questões éticas,

raramente chegamos a conclusões corretas em relação a questões normativas e situacionais.

Se pudéssemos pensar sobre a ética perfeitamente, todas as três perspectivas sempre produziriam exatamente as mesmas conclusões e entendimentos. Mas como não somos perfeitos, devemos aproveitar as três perspectivas para termos todas as informações possíveis sobre problemas éticos. Usando todas as três perspectivas, podemos nos fornecer verificações e equilíbrios para as percepções de qualquer perspectiva única.

CONCLUSÃO

Nesta lição, introduzimos o tema da ética cristã, definindo-o como o todo da teologia visto a partir de seus aspectos éticos. Também explicamos os três critérios da Bíblia para boas obras. Finalmente, sugerimos um modelo bíblico para tomar decisões éticas que levam em conta os benefícios de enfatizar e equilibrar as perspectivas normativa, situacional e existencial.

Tomar decisões bíblicas no mundo moderno pode ser extremamente desafiador. Constantemente nos sentimos puxados por uma variedade de influências, muitas das quais não reconhecem a autoridade de Deus e não se importam com a Sua bondade. Mas, como cristãos, devemos afirmar a bondade de Deus, e devemos persegui-la em nossas decisões éticas. E uma maneira muito útil de fazer isso é através do uso das perspectivas normativas, situacionais e existenciais sobre ética. À medida que incorporamos essas perspectivas em nosso pensamento, nos preparamos para avaliar problemas éticos complexos e tomar decisões bíblicas sábias.